



## O despertar de um 'pequeno gigante': pesquisas comunicacionais na lusofonia

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling; PINHO, José Benedito (eds.). *Comunicação, identidades, migrações e culturas na lusofonia*. Anuário internacional de comunicação lusófona 2005. São Paulo: Intercom; Lisboa: Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, 2005, 234p.

A leitura do *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2005* traça um panorama dos estudos na área de comunicação nos sete países que têm a língua portuguesa como idioma oficial. A rede lusófona ao qual me refiro como 'pequena gigante' devido ao potencial acadêmico na área de comunicação é integrada pelos países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor LoroSae.

O Anuário 2005 é uma coletânea de artigos de pesquisadores lusófonos que trata sobre 'Comunicação, Identidades, Migrações e Culturas na Lusofonia' (título da obra). Organizado pelos pesquisadores brasileiros Cicília Maria Krohling Peruzzo (Universidade Metodista de São Paulo) e Benedito Pinho (Universidade Federal de Viçosa), a obra está dividida em quatro partes. A primeira tem como eixo temático 'Comunicação na Lusofonia e nas proximidades', com artigos de autores de Portugal, Angola, Galícia (Espanha), Itália e Brasil. A segunda parte, 'Identidades e Culturas na Lusofonia', está enriquecida com artigos de pesquisadores da Galícia e do Brasil. A terceira parte engloba a temática 'Migrações, Interculturalidade e Integração', com textos do Brasil, Itália e Portugal. E na quarta parte consta uma relação da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação

(Lusocom) e das Associações Nacionais.

Na parte I, Isabel Ferin Cunha (Universidade de Coimbra, Portugal), no artigo “Das Imagens dos Media aos Media: Fragmentos do Espaço Lusófono”, resgata o histórico dos cerca de 500 mil imigrantes legais que estão em Portugal e falam português, sendo os cabo-verdianos, brasileiros e ucranianos as três maiores comunidades constituindo cerca de 10% da população ativa. A autora apresenta os Media, sobretudo a televisão, produzidos por essas minorias em Portugal, destacando iniciativas que possibilitaram a criação da Aliança das Agências de Língua Portuguesa; ONGs (Organizações Não Governamentais) produzindo informações sobre as comunidades de imigrantes lusófonos; o crescimento das rádios comunitárias como ‘utilidade pública’ nas comunidades menos favorecidas no Brasil e Guiné-Bissau; e os projetos privados de jornalismo por fax em Moçambique. A principal contribuição desse artigo está na conclusão de que é preciso superar os estereótipos, ultrapassar os convencionalismos políticos e diplomáticos, estar aberto à diversidade livre de preconceitos, criar produtos identitários lusófonos e aprofundar os intercâmbios culturais, turísticos e científicos.

No artigo “A Comunicação Angolana”, Joaquim Paulo da Conceição (Angocom – Associação Angolana de Estudos de Comunicação) resgata a origem dos meios de comunicação neste país, baseado na história da imprensa (criada em 1845), e estabelece uma cronologia dividida em épocas (Colonial, de Transição, da Independência e da Ditadura do Proletariado) que ajuda a compreender os estados informativo e comunicacional de Angola na atualidade.

No artigo ‘Cibermedios para ampliar o abano da pluralidade informativa’, Xosé López García (Universidade de Santiago de Compostela, Galicia) destaca quatro diários digitais de informações gerais –Vieiros.com, Xornal.com, Galiciadiario.com e Galiciadixital.com – e um de informação especializada em cultura –Culturagalega.org – que consolidaram sua presença no mapa mediático atual, transfigurando aspectos essenciais dos produtos jornalísticos.

Em “Radio Comunitária para o Desenvolvimento na África”, os pesquisadores Patrick Alumuku (Centro para o Estudo

da Cultura e da Comunicação Africana, Nigéria) e Robert White (Universidade Gregoriana de Roma, Itália) centram o trabalho nas atividades desenvolvidas por nove estações de rádio comunitárias: três em Gana, três na África do Sul e três em Zâmbia. É um exemplo de administração ‘do bem público’ que deve ser seguido, pois esses programas radiofônicos são educativos, alertam para os principais problemas das comunidades, fazem uso de línguas e favorecem a cultura e o talento local.

O pesquisador da Universidade do Minho, Portugal, Aníbal Alves, no artigo “A Sociedade da Comunicação no Século XXI e a Vocação Social da Nossa Disciplina”, evoca a convicção de que os estudos de Comunicação contribuem para a construção de uma Europa como realidade cultural social e política, ressaltando que a teoria sem prática não existe.

José Marques de Melo (Professor Emérito da Universidade de São Paulo, Brasil) explica o conceito de “Folkcomunicação, (como) disciplina científica com sotaque brasileiro”. O autor resgata a trajetória e paradigmas de Luis Beltrão, criador do termo, e conceitua folkcomunicação como sendo o “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias”.

“A moda na publicidade: apresentações com estilo e o estilo nas apresentações”, de Eduardo J. M. Camilo (Universidade da Beira Interior, Portugal), demonstra como a publicidade é um processo de comunicação que não admite a existência de moda e por outro lado, como pessoas estão protagonizando estilos e atualizando cânones de moda.

Na segunda parte do Anuário, Margarita Ledo Andiön (Universidade de Santiago de Compostela, Galicia) escreve sobre “Dialética da identidade, dialética da alteridade”, explicando as transformações da identidade e cultura da cidade de Santiago de Compostela.

Enrique Castelló Mayo e Antía López Gómez (Universidade de Santiago de Compostela, Galicia), em “Singularización e indiferenciación: o paradoxo contemporâneo da esfera cultural”, defendem o grande mercado da cultura, como destino de todas as manifestações culturais no virtual, onde tudo se move, tudo

circula, mas nada vai pra frente. Eles apontam a perda dos limites entre as esferas política, econômica e cultural que atingem parte dos países lusófonos.

“Goanidade: A Identidade Cultural Goesa”, de autoria de Eduardo Judas Barros (Universidade Estadual de Londrina, Brasil), revela como foi mantida a língua materna dos goeses nas três fases históricas da identidade dessa cultura, que são: antes da colonização portuguesa, a Goa Lusófona e a Goa integrada à Índia.

Xosé Soengas Pérez e Ana Isabel Rodríguez Vázquez (Universidade de Santiago de Compostela, Galícia), autores do artigo “A identidade galega nas televisões estatais e na TVG”, refletem como esses veículos televisionados criam uma realidade artificial sem abordar assuntos de interesse da localidade, contrapondo com o controle de políticos sobre tais televisões.

Em “Identidade lusófona como proposta pedagógica”, Benalva da Silva Vitória (Universidade Católica de Santos, Brasil) faz uma leitura do filme *Terra Estrangeira*, de Walter Salles, produzido na década de 90, abrindo perspectivas de lançar nos currículos das escolas a problematização da comunidade lusófona, aflorando a alma do migrante que fala português.

A terceira parte do Anuário 2005 traz o artigo de Denise Cogo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil), titulado “A mediação das migrações contemporâneas no contexto brasileiro e as matrizes culturais de construção da união Européia e do Mercosul”. Ela analisou quantitativa e qualitativamente 1858 notícias de diferentes gêneros, publicados em oito jornais representativo das cinco regiões brasileiras e uma revista de circulação nacional, entre julho de 2001 e julho de 2003, relatando a presença e incidência intercultural dos migrantes.

Bárbara Bechelloni (Universidade “La Sapienza” de Roma, Itália) descreveu sobre “As relações comunicativas entre Portugal, Brasil e Itália”, fazendo um estudo de caso da presença italiana no Brasil e as relações comunicativas que italianos, portugueses e brasileiros tiveram desde as relações dos navegadores, dos mercadores e dos emigrantes italianos.

“Qual o papel da Internet na promoção da (in)existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona?”, de

Lídia J. Oliveira Loureiro da Silva (Universidade de Aveiro, Portugal), fez um estudo empírico por meio de questionário enviado por via eletrônica que obteve resposta de 140 pesquisadores de comunicação de países lusófonos. As constatações atestam a presença física (por meio de Congressos) como sendo um elemento eficaz na promoção do conhecimento e que há pouca publicação na Internet entre estes pesquisadores lusófonos.

Este anuário é um esforço de pesquisadores lusófonos preocupados em fortalecer cada vez mais, esta rede de intercâmbio cultural e acadêmica. Apesar da obra apresentar artigos não homogêneos no que se refere a tamanhos, metodologia e abordagens, esta iniciativa mostra que unidos, os países de língua portuguesa podem ‘dar vãos mais altos’ rumo à excelência acadêmica comunicacional. O importante é que cada pesquisador, de modo particular, buscou difundir os estudos da realidade comunicacional e temas correlatos do mundo da lusofania.

*Bruna Vieira Guimarães*

Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.